

## **Agnès Varda e os Panteras Negras: Primeira travessia**

Mariana Cesar Coral

### **Resúmen**

O artigo pretende analisar o documentário *Black Panthers* (1968), da cineasta belga Agnès Varda, como um documento histórico/ficcional sobre O Partido dos Panteras Negras para Autodefesa. Nesse seu documentário, ela explica como se aproximou do Partido dos Panteras Negras quando, em 1968, a cineasta radicada na França acompanhou seu marido - o também cineasta Jacques Demy - em um filme que este faria na Califórnia. Vale ressaltar que, por princípio, a cineasta mostra em sua filmografia uma forte expressão política com foco na valorização da narração oral e do documento sonoro, com potência imagética e gestual.

Passando por alguns apontamentos sobre o traje dos Panteras Negras e seu apuro na organização da linguagem, chegamos a uma série de perguntas: De que forma a construção da linguagem dos trajes e alegorias contribuíram para a difusão e fortalecimento do movimento? Qual o legado estético e revolucionário deixado pelos Panteras Negras? Que simbologias ainda podem ser decifradas?

Parto, também, da ideia de um narrador benjaminiano capaz de aproximar-se de seu fato narrado e do conceito de “memória clandestina” de Michael Pollock. Para finalizar a análise, faço uma provocação a partir de uma foto histórica tirada nas olimpíadas de 1968, que considero como “imagem dialética”, conceito cunhado por Walter Benjamin (2007).

Aproveito a aproximação com a cineasta para evocar um recorte do movimento conhecido como Panteras Negras, sempre tendo em vista a complexidade histórica, estética, sociológica e filosófica do movimento sem, obviamente, dar conta da amplitude do tema.

## Agnès Varda e os Panteras Negras: Primeira travessia

### Introdução

No início dos anos 2000 assisti um filme da cineasta Agnès Varda (Bélgica, 1928) em São Paulo em uma mostra independente. Anotei em um pedaço de papel o nome da artista, e o meu arrebatamento. Em 2015 me matriculei em uma disciplina que intitulava-se "Cinema e Memória"<sup>1</sup> na Universidade Estadual de Londrina, onde residia provisoriamente. Escrevi assim, meu primeiro artigo sobre Varda e seu documentário *Les plages d'Agnès* "As Praias de Varda".

Mergulhando em sua filmografia e certa de aproximar-me de seu cinema político, deparei-me com um documentário chamado *The Black Panthers* (1968) dirigido pela cineasta. Este documentário e sua temática veio para mim como um desafio. A força revolucionária dos Panteras Negras tem me tomado por completo neste último ano. Esse encontro entre Varda e os Panteras Negras é um mote inicial de minha pesquisa.

Varda é uma das vozes expoentes ao período circunscrito na *Nouvelle Vague* com uma forte referência em Alain Resnais (1922-2014) e Jean Luc-Godard. No ano de 1968, a cineasta radicada na França acompanhou seu marido - o também cineasta Jacques Demy<sup>2</sup> - em um filme que este faria na Califórnia. Neste mesmo ano, Varda, filma os Panteras Negras. Vale ressaltar que a cineasta mostra em sua filmografia uma forte expressão política com foco na valorização da narração oral e do documento sonoro, com potência imagética e gestual.

Agnès Varda é conhecida pelo seu engajamento político, tendo feito parte do grupo designado "rive gauche" (com Chris Marker e Alain Resnais). Os membros do "rive gauche" tinham um passado relacionado com a literatura e com o documentário, bem como interesse em cinema experimental e na filmagem de questões sociais. (Coelho, 2013, p.11)

O filme de Varda é um ponto de partida para uma análise de alguns elementos e características do movimento fundamentado no marxismo. Pretendo refletir sobre a linguagem revolucionária analisando os trajes utilizados pelos Panteras Negras. Fausto Viana classifica os tipos de trajes e suas funções na sociedade: traje eclesiástico; militar e civil. Sendo que esse último segmento se subdivide em: traje social, traje de cena, traje regional, traje profissional, traje interior, traje de folguedo, traje fúnebre, traje esportivo, traje associacionista e traje etnográfico. Escolhemos neste momento apenas usar a palavra

---

<sup>1</sup> Disciplina Cinema e Memória, ministrada pela professora Ana Paula Oliveirana Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

<sup>2</sup> Jacques Demy foi casado de 1962 a 1990 (ano em que ele faleceu de AIDS) com Agnès Varda. O casal teve dois filhos. Permaneceram juntos até a morte do diretor. Eles nunca co-dirigiram um filme embora sempre participassem da edição do filme um do outro. Sobre Demy, a cineasta fez três filmes carregados de amor: *Jacquot de Nantes* (1991), onde a cineasta filma o mais próximo possível o corpo de seu marido doente, em seus momentos finais de vida, *As Garotas Românticas Fazem 25 Anos* (1993); e *O Universo de Jacques Demy* (1995). Ela também se dedicou a restaurar a obra completa do cineasta.

traje ao invés de roupas, mas sem ainda classificar a qualidade do traje, mas trazendo as questões simbólicas envolvidas.

Parto, também, da ideia de um narrador benjaminiano capaz de aproximar-se de seu fato narrado e do conceito de “memória clandestina” de Michael Pollack. Para finalizar a análise, faço uma provocação a partir de uma foto histórica tirada nas olimpíadas de 1968, que considero como “imagem dialética”, conceito cunhado por Walter Benjamin (2007). Aproveito a aproximação com a cineasta para evocar um recorte do movimento conhecido como *Panteras Negras*, sempre tendo em vista a complexidade histórica, estética, sociológica e filosófica do movimento sem, obviamente, dar conta da amplitude do tema.

## Os Panteras Negras

Os *Panteras Negras* são um movimento marxista, revolucionário criado na cidade Oakland no estado da Califórnia, Estados Unidos. Inicialmente foi denominado como *O Partido dos Panteras Negras para Autodefesa* e encabeçado por Huey Newton (1942-1989)<sup>3</sup> e Bobby Seale<sup>4</sup>. O movimento surgiu como resposta à opressão e ao extermínio da comunidade negra, praticado principalmente pela polícia. O movimento trabalhou desde o início com a ideia de tornar-se suporte de sua comunidade em situações que pudessem gerar violência contra ela. Os Panteras Negras atuaram no sentido da auto-gestão e socialização, como explica Wanderson da Silva Chaves:

Após o estabelecimento de restrições legais ao uso de armas, em 1969, os Panteras se orientam para a montagem, nas suas sucursais, de clínicas médicas, refeitórios, cursos de formação política e escolas primárias, entre outras iniciativas cujo fim declarado era estabelecer a gratuidade, socialização, criação e a autogestão de serviços públicos dentro das comunidades negras. (Chaves, 2015, p.4)

Em 2016, o Partido fez 50 anos. Vale ressaltar que, apesar de se autodenominarem Partido, o movimento nunca ocupou cadeiras no congresso americano. Mas, sua memória ainda é uma memória clandestina, cercada de mitos e silêncios. Com a expressão memória clandestina, Michael Pollak (2012) sinaliza a relação entre memória e Estado, o qual sempre procura o silêncio e o esquecimento quando se trata de movimentos sociais. No entanto, como meio de resistência e de construção de possibilidades para o futuro, me inspiram as histórias e narrativas, na tentativa de ler os signos, a linguagem, as alegorias e estratégias revolucionárias deste movimento.

Por isto, para mim, assistir o documentário *Black Panthers* (1968) de Varda faz partilhar uma memória clandestina. O documentário é testemunho, construção de narrativa e memórias, não de uma história que se conta, mas da participação da cineasta que, com seu filme, também contribui para eternizar essa memória clandestina. Assim, também, me parece, que estudar os Panteras Negras permite romper com o silêncio do Estado e suas versões oficiais dos fatos. Mesmo o movimento sendo circunscrito historicamente aos Estados Unidos, sua difusão e sua importância espalhou-se para diversos espaços do globo influenciando a luta das populações negras em todo território americano, países europeus e América Latina. O partido também influenciou grupos de guerrilha comunistas e diversos artistas como Varda. Segundo Pollak,

---

<sup>3</sup> Huey Percy Newton foi um dos fundadores dos Panteras Negras. Formado em Direito em 1974 pela universidade da Califórnia.

<sup>4</sup> Robert George Seale - Bobby Seale (1936) é ativista político do Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos e fundador dos Panteras Negras.

Essa memória "proibida" e portanto "clandestina" ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória (...)(Pollak, 1989, p. 3).

### **Agnès Varda, 1968**

Escolhi o filme de Varda por sua proximidade aos Panteras Negras. A cineasta belga radicada na França estabeleceu-se em Los Angeles justamente em um ano ápice do movimento: em 1968. Sua câmera e sua presença nas reuniões do partido são pontos de partida de minha reflexão. Antes, aproximado Varda do narrador benjaminiano, no que a ficção se mistura com o fato narrado.

A narrativa se apresenta aqui como uma maneira de entender e construir a vida: sendo a vida uma narrativa sobre si mesma. Mas trata-se não apenas da narrativa corriqueira, que utilizamos para manipular cognitivamente o mundo em sua efêmera sequência de instantes, estamos falando da narrativa que atravessa gerações, séculos e milênios, pois traz consigo a ação da experiência que se renova cada vez em que é evocada na voz ou na escrita de um contador de histórias. (Benjamim, 1994)

Daqui em diante, descreverei e comentarei algumas imagens do filme de Varda. O documentário *Black Panthers*, de Varda, inicia-se com uma música e a frase "*Black is honest and beautiful*" ("Preto é honesto e belo") escrita em uma fachada. No momento seguinte, surgem imagens de uma aparente grande festa ao ar livre, com crianças dançando e adultos cantando, todos estão muito bem vestidos. Varda comenta: "Isto não é um piquenique em Oakland. É uma reunião política organizada pelos Panteras Negras que preparam a revolução. Neste domingo, agosto de 1968, seu propósito é conseguir que um de seus líderes seja libertado da prisão Huey Newton. Eles gritam liberdade para Huey, enquanto cantam, dançam e cerram os punhos." (Varda, *Black Panthers*: 1968)

O filme é narrado pela voz de Varda. Ela apresenta a situação como participante caminhando junto com o movimento. Seu filme é, por isso, um documento histórico-ficcional, uma reportagem no mesmo tempo-espaço do acontecimento social. O documentário não é uma organização de informações que vieram depois, *a posteriori*. Como o narrador benjaminiano, Varda é testemunha que se deixa borrar com o fato ao misturar sua experiência com os fatos narrados.

Nos quadros seguintes do filme, vemos uma bandeira com um desenho de uma pantera negra e os escritos: "*Free Huey*", Varda narra: "A pantera foi eleita como símbolo porque é um animal charmoso e negro que nunca ataca, mas se defende ferozmente." Em questão de linguagem, das alegorias e dos trajedos *Panteras Negras*, tudo era milimetricamente pensado para gerar uma resposta e força, na construção do movimento revolucionário.

A seguir, Varda entrevista Bill Brent, sem aparecer no quadro, Varda consegue criar atmosfera de intimidade e amizade com um dos líderes dos Panteras Negras. Bill Brent fala: "Me chamo Brent, Bill Brent capitão do partido do Panteras Negras associado ao quartel-general situado em Oakland, Califórnia." (Brent in Varda, 1968). Em sequência Varda narra, com imagens cotidianas de Oakland, o contexto do filme e do movimento:

Oakland, baía de São Francisco, 400 mil habitantes. 32% de negros, vivendo em guetos. A vida é difícil, sem a ajuda das pessoas. Na sua universidade Huey Newton e Bob Seale decidem começar a organizar seus irmãos para se defender contra a agressão do seu inimigo mais próximo: a violência colonial e racista da polícia, aos que chamam de porcos. Nascia ali, o *Partido dos Panteras Negras para Auto-defesa*. Desde de 1966 aproveitando uma lei que permite portar armas publicamente, os Panteras Negras zelam os guetos, percorrendo a cidade e seguindo as patrulhas da polícia. Quando um negro é preso, acompanhavam o procedimento, assegurando o cumprimento da lei e que o irmão<sup>5</sup> conheça seus direitos. Devido a isso a polícia os odeia e a comunidade negra os admira. (Varda, 1968).

Nesse relato, Varda arrisca-se em narrar os fatos com imagens do cotidiano da pequena Oakland e seus guetos, aproximando-se novamente de Benjamin e sua visão sobre narrar e contar histórias:

Cada manhã nos ensina sobre as atualidades do globo terrestre. E, no entanto, somos pobres em histórias notáveis. Como se dá isso? Isso se dá porque mais nenhum evento nos chega sem estar impregnado de explicações. Em outras palavras: quase nada mais do que acontece beneficia o relato; quase tudo beneficia a informação. Ou seja, já é metade da arte da narrativa manter livre de explicações uma história enquanto é transmitida. (Benjamin, 1995, p.276)



Frame4:32de *Black Panthers*, 1968, direção de Agnès Varda<sup>6</sup>

O quadro acima que aparece nos 4:32 do documentário mostra o discurso de Bob Seale com a voz do próprio Bob. Retiramos um frame (imagem) do filme, vemos Bob Seale discursando no plano de fundo e um irmão Pantera Negra, fazendo sua escolta. Observamos seu ar austero e suas boianas. "A boina preta tornou-se um símbolo do Poder

<sup>5</sup> A expressão "irmão" (*brother*) foi popularizada pelos *Panteras Negras* e espalhou-se pelo globo. Trata-se de uma forma de reconhecimento do outro como seu próximo e um gesto de identificação e solidariedade da comunidade negra.

<sup>6</sup> Fonte: Varda (1968)

Negro e passou a implicar apoio implícito do Movimento *Black Power* e ao Partido dos *Panteras Negras*, mesmo para os não-membros" (Ogbar<sup>7</sup> apud James 2004, p. 118)

Percebe-se a força do traje e seus adereços para a construção da organização e para identificação do movimento. Os trajes sociais, as jaquetas, as boinas:

Podia ser encontrado nas cabeças de estudantes universitários e juventudes do interior-cidade durante toda a nação que foram movidos para mostrar seu apoio para a causa do orgulho e da igualdade do afro-americano. A boina até transcendeu a causa do nacionalismo negro, tornando-se um ícone revolucionário para as organizações latinas, asiáticas e radicais, embora cada grupo escolhesse uma cor distinta para sua boina (Ogbar, 2004, p. 119 apud VARGA, 2009, p. 96)

O movimento tornou-se extremamente importantes por sua forma de organização e construção de uma linguagem através de suas roupas, suas atitudes e seu profundo conhecimento do marxismo. Queremos ressaltar a questão estética dos *Black Panthers*, como algo extremamente revolucionário. A exaltação da beleza negra e do orgulho negro tem reflexos até a atualidade. O estilo dos *Black Panthers* servia à construção de uma auto-estima do povo negro com padrões semióticos e de linguagem. Cada peça da vestimenta dos *Panteras Negras* tinha um significado.

Em "*Black Panthers*", realizado em 1968, documentário sobre a mobilização dos *Panteras Negras* de Oakland, em torno do processo de um de seus líderes, Varda explora o gesto como dispositivo fundamental para a afirmação política dos *Panteras Negras* – o gesto está implicado na maneira de vestir, nos acessórios, no corte de cabelo, na postura dos corpos, no riso das mulheres – afirmação que passa pelas opções estéticas que incluem a herança africana que se afirma em sua diferença em relação à estética branca. (Yakhni, 2011, p. 75)

A pesquisadora Sarah Yakhni, resalta a questão do traje, do gesto e da atitude dos *Black Panthers*. Esses apontamentos são importantíssimos para a identidade do movimento, e sua complexidade em torno de linguagem resistiram 50 anos.

### **Cidade do México 1968**

A fim de ilustrar mais resumidamente a questão do traje icônico e da força da organização civil, analisaremos a foto lendária dos atletas americanos que apoiaram os *Black Panthers* nas Olimpíadas realizadas na cidade do México em 1968. Os atletas Tommie Smith medalha de ouro da prova de 200 metros livres e John Carlos, medalha de bronze da mesma prova, realizaram os gestos *Black Power* e *Black Panthers*.

Era o ano de 1968. Os atletas negros estavam considerando a possibilidade de boicotar as olimpíadas. Ao invés dessa atitude, criaram uma associação que deixava clara sua insatisfação com as represálias ao movimento dos *Panteras Negras*. Lançaram a OPRH (Projeto Olímpico para os Direitos Humanos). No segundo dia da competição na

---

<sup>7</sup>Jeffrey O.G. Ogbar é professor de história da universidade de Connecticut e autor do livro *Radical Politics and African American Identity*.

cidade do México houve a disputa dos 200 metros livres. Dois atletas negros e americanos subiram ao pódio. Tommie Smith ganhou a medalha de ouro e John Carlos a de bronze. Em segundo lugar, a medalha ficou para Peter Norman, um atleta australiano e branco. Ao receberem as medalhas, os atletas baixaram a cabeça e ergueram o braço em uma saudação aos Panteras Negras. Este momento foi extremamente marcante na história das olimpíadas em geral e para o Partido dos *Panteras Negras*. Naquele momento, o Partido ganhou visibilidade mundial e a imagem dos atletas representando o orgulho negro perpetuou-se até os dias atuais.

Muitas histórias permeiam esta imagem. Naquele momento do pódio o corredor australiano deixou claro seu apoio a Carlos e Smith, recebeu a medalha de prata com um distintivo do OPHR no casaco. Antes disso, John Carlos havia esquecido seu par de luvas (característico) dos *Panteras Negras* e Norman havia sugerido que cada um dos atletas usasse uma luva do par. Tomie Smith ficou com a luva direita e John Carlos ficou com a esquerda.

Naquele pódio, a denúncia ao racismo e a exaltação aos *Panteras Negras* estava em todo o traje e na linguagem de representação. As meias pretas em cano alto significam a pobreza do povo negro. A echarpe de Smith significava o orgulho negro. Carlos abriu o casaco, deixando transparecer uma camisa preta, representando o trabalho negro. Além dos gestos que perpassam até aos dias atuais: a mão direita com o punho fechado representando o movimento *Black Panthers*. Carlos com o punho esquerdo fechado representando o orgulho negro.



No pódio com a mão direita em punhos Tommie Smith, atleta estadunidense, ao lado do colega medalha de prata -JohnCarlos. A esquerda Peter Norman atleta australiano. Legenda<sup>8</sup>

Tommie Smith, descreve o significado das ações dele e de Carlos naquele dia:

Minha mão direita levantada representava o poder na América negra. A mão esquerda levantada de Carlos representava a unidade da América negra. Juntos formaram um arco de unidade e poder. O lenço preto em volta do meu pescoço representava o orgulho negro. As meias pretas, sem sapatos, representavam a pobreza negra na América racista. A totalidade de nosso esforço foi a reconquista da dignidade negra. (Hartmannapud Vargas, 2009, p.97)

---

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.smithsonianmag.com/people-places/olympic-athletes-who-took-a-stand-593920>

O episódio não ficaria só ali. Na volta para casa, Norman passou a ser ignorado pelos chefes do atletismo australiano e também pela imprensa local. No funeral do australiano em 2006, Tommie Smith e John Carlos estavam presentes e carregaram a esqui de Norman. Gratos pelo companherismo do australiano, os americanos fizeram-se presentes no momento de sua passagem.<sup>9</sup>

#### Considerações finais

O presente artigo destaca a contribuição do *Black Panthers*, documentário de 1968 da cineasta Agnès Varda como um documento histórico/ficcional sobre *O Partido dos Panteras Negras para Auto-defesa*. Passando por alguns apontamentos sobre o trajedoso *Panteras Negras* e seu apuro na organização da linguagem, chegamos uma série de perguntas ainda a serem trabalhadas. De que forma a construção da linguagem dos trajes e alegorias contribuíram para a difusão e fortalecimento do movimento? Qual o legado estético e revolucionário deixando pelos *Black Panthers*? Que simbologias, ainda estão a serem descriptografadas?

#### Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Rua de Mão Única** (Obras Escolhidas II). Tradução de R. R. Torres Filho e J. C. M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- CHAVES, Wanderson da Silva. *O Partido dos Panteras Negras*. Topoi, v. 16, n. 30, p. 359-364, Rio de Janeiro, jan./jun. 2015. Disponível em: [www.revistatopoi.org](http://www.revistatopoi.org). Acesso em: janeiro 2017.
- COELHO, Salomé. **Jacques Rancière e Agnès Varda no intervalo entre cinema e política**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2013 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/11275/1/Jacques%20Ranciere%20e%20Agnès%20Varda%20no%20intervalo%20entre%20cinema%20e%20pol%C3%ADtica.pdf>. Acesso em: 27/12/2016
- JAMES, Danielle. *An illustrative identity of fashion and style throughout African-American History and Movements*. **The Huffington Post**, 02/10/2015. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com>). Acesso em: 26/12/2016 20:00
- NOGUEIRA, Paulo. *O maior protesto da história das Olimpíadas*. **DCM - Diário do Centro do Mundo**, 25/07/2012. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-maior-protesto-da-historia-das-olimpiadas/>. Acesso em: 19 de dezembro de 2016.
- VIANA, Fausto e outros. **Para vestir a cena contemporânea: molde e moda no Brasil no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras e Cores, 2015.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos* – Revista IPHAN. Cultura Imaterial, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15, Rio de Janeiro, 2012.
- VARDA, Agnès. *The Black Panthers: 1968*

<sup>9</sup> Informação do jornalista Paulo Nogueira em <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-maior-protesto-da-historia-das-olimpiadas/> O jornalista aqui também faz o papel do narrador alimentando -se do fato acrescentado detalhes e envolvendo-se na narrativa.

VARDA, Agnès. Las Plages d'Agnès.

VARGAS, Mary. *Fashion statement or political statement: the use of fashion to express black pride during the Civil Rights and Black Power Movements of the 1960's*. Undergraduate Review, v.5, p.95-

99. Disponível em: [http://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1127&context=undergrad\\_rev](http://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1127&context=undergrad_rev). Acesso em: 28/12/2016

YAKHNI, Sarah. **Cineensaios de Varda: o documentário como escrita para além desi**. Campinas: Hucitec/Fapesc, 2011.

<https://resistenciaisd.wordpress.com/tag/panteras-negras/> 19/12/2016 - 19:00

<https://vimeo.com/28062577> - 20/12/2016 - 20:00

<http://www.marxismo.org.br/content/sobre-o-programa-do-partido-dos-panteras-negras-que-caminho-seguir-para-os-trabalhadores-e-> 26/12/2016 - 21:45

[http://www.blackactivistwg.org/PDF/A\\_Verdade\\_May\\_2010\\_17\\_LP.pdf](http://www.blackactivistwg.org/PDF/A_Verdade_May_2010_17_LP.pdf) - 28/12/2016 - 17:05

<http://www.smithsonianmag.com/people-places/olympic-athletes-who-took-a-stand-593920> acesso em 24/03/2017 16:30